
As mulheres de *Wakanda*: um olhar sobre a representação da mulher negra no filme *Pantera Negra*¹

Marina Vlacic Morais²

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria - RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo estudar a representação da mulher negra no filme *Pantera Negra* (Ryan Coogler, 2018). Foram utilizados conceitos de representação de Stuart Hall, Ella Shohat e Robert Stam, e a ideia de representação de minorias na mídia de Freire Filho. Para alcançar os resultados utilizamos categorias específicas inspiradas na análise fílmica, para estudar as personagens dentro da narrativa fílmica e para compreender a representação feminina no filme. Apesar de manter certas características patriarcais, principalmente no que diz respeito à hierarquia em posições de poder, o filme se mostrou inovador na maneira de representar mulheres negras, tanto em relação à interação com demais personagens como seu papel em cenas de ação.

PALAVRAS-CHAVE: Representação, mulher negra, cinema, *Pantera-Negra*, análise fílmica.

O FILME *PANTERA NEGRA* E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

O cinema popular (GIDDENS, 2006) voltado para grandes bilheterias, em específico o gênero ação/aventura do qual os filmes de super-herói³ estão inseridos, geram alcance mundial todos os anos. A presença social carrega consigo formas de identificação gerando pensamentos e comportamentos ajustados a valores da cultura dominante (HALL, 2016). O cinema pode ser visto, portanto, como uma mídia que constrói reproduz, mantém e também reforça representações no imaginário social compartilhado em uma mesma cultura vivida. Estudar essas representações nos dá pistas de como funciona a relação de aceitação de estruturas sociais dominantes e suas possibilidades de resistência à sistemas de opressão e ideologias hegemônicas.

Influente teorias, como os Estudos Culturais, e mais específicos, sobre o cinema, como a Crítica Feminista do Cinema, demonstram forte interesse sobre a

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Produtora Audiovisual, Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, integrante do grupo de pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades. Email: marinavlacic@hotmail.com.

³ Segundo Peter Coogan (2006) os filmes de super-herói constituem um gênero fílmico específico pois possuem características similares entre si e também configuram o que Thomaz Schatz caracteriza como convenção de gênero - formado por um nome facilmente reconhecido, o que lhe garante uma trajetória, é parodiado, ou seja, seu formato é tão reconhecida que é possível romper com as convenções e ainda assim ser compreendido pelo público e por fim ser copiado, o que lhe consolida como um formato de grande popularidade e fórmula para sucesso. (COOGAN, 2006)

circulação de sentidos gerados no complexo processo de produção, circulação, consumo de produtos midiáticos que veiculam representações de minorias sociais. O termo minorias utilizado aqui, é compreendido como grupos sociais silenciados e marginalizados pelos sistemas e estruturas de poder dominantes presentes em nossa cultura que moldam a estrutura de nossa sociedade (FREIRE FILHO, 2005, p. 2).

O gênero de super-herói⁴ é comumente conhecido como sendo voltado para um público masculino, desde seu surgimento nos quadrinhos, pois envolvem atos heróicos e violência, aspectos associados à masculinidade (COOGAN, 2006, LEPORE, 2016). A presença feminina durante muito tempo, esteve relegada a alguns papéis largamente conhecidos como a mocinha que precisava ser salva, a secretária, ou ainda, a amada que aguardava ansiosa pelo retorno de seu herói, com poucas exceções como por exemplo a personagem Mulher-Maravilha e ainda mais raras, inclusive nos papéis de coadjuvantes, as mulheres negras. Mas aos poucos a configuração dos super-heróis, tanto nos quadrinhos como no cinema, vem tomando outras proporções. Em uma busca em filmes lançados entre 2010 a 2019⁵, é perceptível a crescente de personagens mulheres no gênero filmico. Dos 43 filmes do gênero super-herói, lançados na década, 14 possuem protagonistas mulheres, destas, apenas uma personagem possui uma atriz negra e latina como protagonista, porém, no filme, ela é uma alienígena de cor verde - Zoe Saldanha⁶ como Gamora nos filmes *Guardiões da Galáxia* (James Gunn, 2014) e *Guardiões da Galáxia Vol. II* (James Gun, 2017), sendo a pintura corporal uma marca do apagamento da representação que ela poderia apresentar. Apesar do protagonismo da mulher negra ainda ter um bom caminho a ser conquistado, são várias as personagens negras nesses filmes.

Um filme em especial se destaca tanto pela representação de pessoas negras, incluindo mulheres, que é o filme *Pantera Negra* (Ryan Coogler, 2018). A escolha do filme *Pantera Negra*, como objeto de análise deste artigo, é devido a repercussão a respeito da representatividade negra⁷ e principalmente das personagens negras presentes

⁴ A consolidação do nome nos quadrinhos se deu a partir de sua primeira utilização na capa da revista *Adventure Comic #247*, de abril de 1958, onde o termo era associado à uma “legião de Super-heróis” (COOGAN, 2006, p. 25)

⁵ Filmes exibidos no circuito brasileiro de cinemas de 2010 a 2019 de acordo com dados da Agência Nacional do Cinema - Ancine (Gêneros Cinematográficos: Filmes lançados entre 2009 e 2017 em salas de exibição, 2018; Dados Gerais Acumulados Maio 2019, 2019).

⁶ A atriz está presente nos dois filmes com maior bilheteria mundial, *Avatar* (James Camern, 2009) e *Vingadores: Ultimato*, que em 2019 assumiu a liderança do ranking. Em ambos os filmes a atriz tem o corpo coberto com maquiagem e computação gráfica descaracterizando sua etnia.

⁷ Ações como a da ONG Ciranda para o Amanhã, e Apadrinhe um Sorriso, e atores e atrizes como Octavia Spencer, levaram crianças para assistir o filme no cinema com o intuito de verem um super-herói negro nas telas.

em todo o filme com grande destaque⁸. *Pantera Negra* foi o segundo filme com maior bilheteria no ano de 2018, ficando atrás apenas de *Vingadores: Guerra Infinita* (Joe Russo e Anthony Russo, 2018), chamou a atenção pela representatividade de negras e negros tanto na tela como nas funções de bastidores. 90% do elenco são negras e duas mulheres negras da equipe de produção receberam premiação no Oscar de 2018. Ruth E. Carter se tornou a primeira mulher negra a vencer o Oscar de melhor figurino, e Hannah Bleecher foi a primeira mulher negra receber a estatueta por melhor direção de arte. Ambas se destacaram pelas composições com referências e inspiração em costumes de origem africana.

Me coloco aqui com uma mulher branca, ao escrever sobre a representação da mulher negra, com a finalidade de expor o lugar de fala. Acredito que discussão sobre a representação da mulher negra em espaços diversos seja fundamental para dissolver estereótipos veiculados pela mídia e para contribuir com a promoção de representações que falem sobre a mulher negra para que esta possa se sentir identificada nos filmes que assiste tanto quanto qualquer outra pessoa.

O filme conta a história de T'Challa, potencial sucessor do trono de Wakanda, após a morte de seu pai. Além de ser um príncipe, T'Challa também é o super-herói Pantera Negra, venerado por toda Wakanda. A trama está centrada na disputa pelo trono de Wakanda com a chegada de seu primo, até então desconhecido pela família e corte real. Ao morrer o líder de Wakanda, outros sucessores de chefes tribais podem disputar o trono com seu sucessor direto através de uma luta até a morte ou até a desistência de um deles, em um ritual em cima de uma cachoeira, estando presente os chefes tribais. Wakanda é um país fictício localizado no continente africano. Suas reservas de “vibranium”, um tipo de mineral presente também somente na ficção, garantem armas, energia e tecnologias ultra avançadas para o país. As cinco tribos que compõem Wakanda juraram proteger o país e o “vibranium”, e por isso, Wakanda é conhecida para o mundo como mais um país africano de “terceiro mundo”, como o personagem agente Ross, americano, em certo momento do filme diz. Eles se mantêm escondidos para proteger seu povoado, seu conhecimento sobre o "vibranium" e também seu estilo de vida.

⁸ A seção de entretenimento do site do Geledés - Instituto da Mulher Negra, possui um número expressivo de publicações positivas a respeito do filme *Pantera Negra*, dando grande destaque às personagens mulheres, às atrizes e também a composição diversa da produção do filme (GELEDÉS, 2020).

As personagens femininas Nakia, Okoye, e Shuri, são as que mais tem destaque durante o filme. Elas serão analisadas pela sua relevância na trama, seu comportamento, personalidade e interação com demais personagens, a fim de compreender como a mulher é representada na trama.

REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPOS DO NEGRO NO CINEMA

A representação pode ser considerada como o processo de construção de sentidos formado pelas nossas relações sociais e interpretações das mesmas (HALL, 2016). As representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais, sendo os significados construídos mutuamente por práticas sociais bem como criando novas práticas através de um movimento que Vera França (2004) vai chamar de reflexividade. Esses sentidos formam nossos mapas conceituais com os quais buscamos nossas referências para interpretar o mundo. É através da linguagem (escrita, falada, audiovisual, entre outras) que os sentidos formados pelos mapas podem ser compreendidos e compartilhados, além de ser fonte de criação de novas referências (HALL, 2016). São esses sentidos formados que vão dar “sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar” (WOODWARD, 2012, p. 17 e 18). E por isso, o conceito de representação está fortemente ligado à formação da identidade, pois é através dessas referências que o indivíduo pode se perceber, se posicionar tomando para si as características com as quais se identifica.

Distante de outros conceitos como a tipificação e outras formas de representação, os estereótipos não representam somente de forma geral um conjunto de características de pessoas, grupos, classes sociais ou etnias, os estereótipos são influentes formas de manter o

[...] controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, os insiders e os outsiders, Nós e Eles. Tonificam a auto-estima e facilitam a união de todos “nós” que somos normais, em uma “comunidade imaginária”, ao mesmo tempo em que excluem, expõem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente. (FREIRE FILHO, 2005, p. 23).

A imagem estereotipada de pessoas negras ainda comumente representada dessa forma no cinema, remete historicamente ao período em que o continente africano era colônia europeia (BHABHA, 2013). O essencialismo que permeava o pensamento da

época conectava a etnia, mais precisamente à cor da pele, a certos costumes e comportamentos, como sendo características fixas. Ao encontrarem as pessoas que viviam no continente africano, relacionaram diretamente os costumes diferentes dos seus à característica física que também os distinguia. Assim, para o pensamento do colonizador europeu, o continente africano era "menos evoluído", portanto atribuindo ao branco europeu um status "superior" ligado à cultura e a racionalidade, e ao negro, o "outro", conectado a natureza e ao impulso (SHOAT e STAM, 2006; BHABHA, 2013), e consequentemente, todos aqueles que tinham a pele "negra" também como "inferiores" ou ainda "selvagens". O estereótipo, redução das características que constroem uma representação, foram naturalizadas através da publicidade e do comércio, impedindo que outras interpretações pudessem ser difundidas assegurando também um controle ideológico, tanto na Europa como no continente africano (HALL, 2016; BHABHA, 2013).

Um segundo momento histórico fundamental para o reforço dos estereótipos foi o escravagismo. Na América do Norte, o uso de estereótipos negros na representação popular, literatura e publicidade, era tão comum que alguns poucos traços reuniam toda uma gama de "tipos negros" (HALL, 2016), ignorando sua diversidade cultural.

Da literatura para as telas do cinema os personagens já estavam prontos. Ella Shohat e Robert Stam (2006) descrevem 5 estereótipos principais dos quais o negro é representado no cinema de acordo com David Boyle, e aqui no Brasil também temos suas versões: o empregado servil (na figura do pai Tomás e aqui no Brasil como tio Barnabé); o negro ingênuo; o mulato trágico (ou mulata trágica); a *Mammy* (aqui no Brasil vista na figura de tia Nastácia); e o negro brutal.

Como marco dessas representações negativas está *O Nascimento de uma Nação* (D. W. Griffith, 1915) que apesar de introduzir diversos elementos na linguagem cinematográfica, representava todo o preconceito racial e segregacionismo americano. No filme, a nação é salva da "ameaça" negra através de membros encapuzados da Klu-Klux-Klan. A partir da década de 1950 a indústria cinematográfica passou a "amenizar" esse tipo de representação. Foi o início da introdução de negros "integrados" à cultura ocidental e branca. Nos anos 80, os primeiros diretores negros introduzem seus filmes de forma independente. O alcance de bilheteria rendeu destaques a diretores como Spike Lee, que aponta as desigualdades raciais em seus filmes. Nessa mesma

época diversos personagens têm suas imagens construídas em forma de contra estratégia representacional (HALL, 2016).

Mas onde estão as mulheres negras no cinema de grande bilheteria? Sua representação em sua maioria no cinema hollywoodiano ainda conta com pouco ou nenhum protagonismo, as atrizes têm seus corpos super expostos e hipersexualizados ou ainda são colocadas em papéis com pouca profundidade e relegados a estigmas sociais ligados a pouco conhecimento, baixo grau de instrução e a servidão.

O cinema negro independente que ganha destaque na década de 1980, basicamente transfere à mulher negra uma posição objetificada tal qual a da mulher branca em filmes sob um "olhar masculino" (MULVEY, 1983). Julie Dash é uma das poucas diretoras negras dessa época a trazer uma representação positiva da mulher negra nas telas, e a primeira diretora negra e ter seu filme lançado nos cinemas comerciais nos Estados Unidos, no ano de 1991 com o filme *Daughters of the Dust*. E pouco mudou de lá pra cá. O movimento do cinema feminista, tampouco ajudou, já que o protagonismo e o rompimento com padrões era dado a mulheres brancas (hooks, 1989).

Além da ausência de representação nas telas, as mulheres negras pouco têm espaço em funções de bastidores (direção, produção, edição, fotografia, entre outros). Em uma pesquisa realizada pela Ancine sobre as produções cinematográficas de 2016 no Brasil, lançadas no circuito comercial, apenas 17% dos filmes nacionais possuem uma diretora mulher, e nenhuma diretora mulher negra. Nas demais funções o percentual gira nas casas decimais. Assim como Julie Dash na década de 80, hoje ainda são poucas as mulheres negras no cinema, que ao tocar no assunto, lembramos sempre dos mesmos nomes e é possível contar nos dedos quantas são⁹.

Nas pesquisas acadêmicas sobre mulheres negras no cinema os resultados não são muito diferentes. Segundo bell hooks¹⁰ (1989), as pesquisas sobre representação de mulheres durante muito tempo focaram em mulheres brancas. A teoria e a crítica feminista do cinema além de focarem somente nas questões de gênero, não perceberam tamanha branquitude nas representações.

⁹ Lembrando sempre que neste artigo específico estamos tratando de cinema de grandes bilheterias, do qual poucas mulheres e pouquíssimas mulheres negras conquistam espaços de destaque e reconhecimento.

¹⁰ A autora utiliza sua assinatura com as iniciais em minúsculas e, por esse motivo, foi utilizado neste texto da mesma maneira.

Como Sueli Carneiro (2019) afirma, à mulher de uma forma generalizante, cabem as questões voltadas ao gênero enquanto que para os homens negros fica em pauta a questão da etnia, pesando para a mulher negra o peso da interseccionalidade raça/gênero (e em grande percentual a classe se soma à intersecção da diferença). De um lado pesquisas sobre mulheres no cinema na crítica feminista do cinema enxergam a mulher e suas desigualdades em relação ao homem, sua objetificação e representação passiva e submissa, e os próprios parâmetros de feminilidade atribuídos à mulher tem características de uma mulher branca. Do outro lado, na esfera da etnia, o homem negro é o foco em pesquisas como as de Stuart Hall (2016) e Ella Shohat e Robert Stam (2006). Esses autores vão falar da representação negra, dos estereótipos mais marcantes, sendo dois deles femininos o da *Mammy* e o da *Mulata trágica*, mas tratados muito brevemente em suas obras, pois o principal foco dos autores é o homem negro.

bell hooks (1989) introduz a perspectiva da espectadora negra e suas ambiguidades. As espectadoras que desenvolvem um "olhar opositor", do qual veem a representação ou a ausência da representação como uma forma de resistência a esses filmes, muitas se afastando da experiência do cinema, o que explicaria também a falta de interesse em fazer cinema. E por outro lado, também há as espectadoras negras que precisam de se afastar de si mesmas para encontrar prazer em assistir filmes. O "prazer visual" nesse caso, do qual Laura Mulvey (1983) fala, é sob a perspectiva de um olhar masculino, ou ainda com a empatia às personagens femininas mesmo se encontrando em posição de passividade e submissão, representado nos filmes em grande maioria por mulheres brancas. Por estar muito incorporado em nossa cultura, hooks percebeu que muitas mulheres negras contraditoriamente sentiam esse prazer ao assistir filmes. Mas para isso acontecer era preciso abdicar de suas próprias vidas e se imaginar como outras pessoas, aquelas que eram representadas nas telas, "para espectadoras negras que olhavam "com profundidade", o encontro com a tela machucava" (hooks, 1989, p. 255).

Representações convencionais de mulheres negras cometeram violência contra a imagem. Respondendo a esses ataques, muitas espectadoras negras se fechavam para a imagem, olhavam para o outro lado, decidiam que o cinema não era importante para elas. (hooks, 1989, p. 253)

Como forma de resistência à dominação patriarcal e branca, o olhar opositor do qual a autora fala é a crítica em relação aos filmes e a negação à personagens estereotipados. É a resistência da qual as mulheres negras "escolheram ativamente não

se identificar com o sujeito imaginário porque essas identificações eram incapacitantes” (hooks, 1989, p. 232). Para essas mulheres essa ausência de identificação desenvolveu um olhar crítico do qual “o prazer visual proporcionado pelo cinema é um prazer de questionar” (hooks, 1989, p. 212). Para a autora, os primeiros cineastas negros que ganharam destaque, seguiam plenamente a lógica falocêntrica do cinema Hollywoodiano mantendo o olhar masculino sobre as mulheres que continuavam a ser objetificadas.

Hoje se pode afirmar que pouco mudou. O cinema de grandes bilheterias, pouco tem representações femininas negras ainda mais em papel de protagonistas. Em 2018, Frances McDormand durante o seu discurso no Oscar, ao receber o prêmio de melhor atriz, lembrou os colegas da cláusula de inclusão existente nos Estados Unidos, da qual os atores podem exigir uma diversidade determinada de pessoas dentro das produções tanto no elenco como na produção. Talvez não esteja conectado ao discurso de McDormand, e muitos vão dizer que é uma certa compensação ao invés de reconhecer o talento, mas de qualquer maneira, no ano de 2019 a edição do Oscar foi a que mais teve mais profissionais negros levando a estatueta dourada em toda a história da premiação sendo 7 para homens e 15 para mulheres negras. Quatro desses prêmios vieram do filme *Pantera Negra*, produção que se encontra dentro do Universo Cinematográfico Marvel (série de filmes de super-heróis com origem nos quadrinhos), do qual o personagem de mesmo nome faz parte. Apesar de não ter uma protagonista mulher, as personagens negras tem forte participação durante todo o filme, aproximando novamente o olhar de espectadores negros e principalmente de espectadoras negras às telas do cinema.

AS MULHERES DE WAKANDA: ANÁLISE DAS PERSONAGENS

Para analisar a representação das personagens femininas utilizamos como ferramenta a análise fílmica com base e na obra de Francis Vanoye e Anne Goliot-Létté (1994). Analisar um filme, para os autores, é decompô-lo em seus elementos constitutivos a fim de encontrar elementos distintos do próprio filme. Essa etapa é equivalente à descrição dos elementos que constituem o filme tanto técnicos como de narrativa. A segunda etapa, é interpretar esses elementos no todo que compõe o filme a

fim de alcançar significados que a primeira vista passam despercebidos e também relacioná-los ao contexto em que foram criados.

A perspectiva de João Freire Filho (2005) sobre a análise da representação das minorias soma-se a este estudo por considerar um série de aspectos sobre o olhar que é dado nas produções audiovisuais ao tratar de grupos considerados minorias sociais já que as essas produções apresentam características das estruturas que formam nossa sociedade.

Para analisar as personagens utilizamos três categorias: cenas de ação, das quais as personagens participam ativamente e por estas cenas ainda serem consideradas masculinas; interações com demais personagens e aqui estão incluídos os romances presentes no filme e as posições de dominação/submissão; e as tomadas de decisões tanto das personagens mulheres com o personagem principal, o Pantera Negra, já que ele está constantemente recebendo conselhos dessas mulheres.

Okoye - A primeira personagem a aparecer na trama é Okoye. Ela é a general do exército de Wakanda, chamado de Dora Milaje, formado apenas por mulheres guerreiras. Okoye usa um uniforme tradicional vermelho com detalhes em dourado e assim como as demais guerreiras tem a cabeça completamente raspada. A estética de suas vestimentas já foge da objetificação e hiperssexualização tão presentes em representações de mulheres negras e apresenta características das vestimentas e maquiagem utilizadas por tribos de diversos países africanos, como cores, tipos de tecidos, costura e acessórios.

Já em sua primeira aparição Okoye apesar de estar em posição hierárquica de submissão à T'challa, ela possui liberdade para sugerir e inclusive aconselhá-lo em uma missão, demonstrando uma certa amizade entre os personagens. Okoye é fiel a seu país, suas leis e tradições. Em três momentos marcantes ela demonstra essa lealdade, mantendo a personalidade da personagem em uma mesma linha do início ao fim. Em certa altura do filme, o vilão Killgrave consegue derrotar T'Challa e assumir o trono. Nakia, Shuri e Ramonda (mãe de T'Challa) fogem para não sofrer retaliação do novo rei. Nakia retorna e vai atrás de Okoye para fugirem juntas e descobrirem uma maneira de fazer Wakanda voltar a ser o que era. Nesse momento, Okoye mantém sua posição como general agora do novo rei, mesmo não tendo empatia com o mesmo e tendo uma relação de amizade com T'Challa e a família real, ela cumpre sua lealdade com

Wakanda, o país a que serve, já que todas as tradições foram cumpridas para Killgrave tomar o poder. Essa decisão da personagem é fundamental para mantê-la coesa durante a narrativa e para que ela tenha total controle sobre seu exército.

O segundo momento é o de retorno do Pantera Negra. Ele aparece e pede a Killgrave para continuarem a luta, já que ainda estava vivo, e desta maneira o trono ainda não poderia ser ocupado por nenhum dos dois. Killgrave ordena ao exército para atacar o Pantera Negra. Okoye e as Dora Miljave se viram contra Killgrave, já que agora é ele quem está contra as tradições de Wakanda, e sem hesitar Okoye inicia a luta com Killgrave com a ajuda de suas guerreiras. Uma das tribos fica ao lado de Killgrave e lutam contra o Pantera Negra e as Dora Miljave. O líder dessa tribo é W’Kabi, o amor da vida de Okoye como foi demonstrado brevemente em outros momentos do filme. Eles acabam frente a frente no campo de batalha. Nesse momento ele pergunta para ela se ela quer se render ou prefere lutar contra o amor de sua vida. A resposta de Okoye é "- Por Wakanda não há dúvida!" e levanta sua lança contra W’Kabi. O romance da personagem não é aprofundado no filme e se resume apenas a alguns diálogos que revelam o relacionamento entre os dois, reafirmando que a posição de Okoye como general é mais importante para ela.

Como personagem ela ocupa uma posição pouco comum para uma mulher em um filme, e mais incomum ainda para uma mulher negra, a de liderar um exército, e ainda por cima, um exército formado apenas por mulheres. Como general, ela é muito respeitada e sua opinião fortemente relevada pelos demais personagens, em momento algum sendo posto em dúvida sua competência. Seu coração e sua lealdade estão em seu país, não importa seu sentimento de amizade (por T’Challa) ou amor (por W’Kabi).

Nakia - Nakia é sucessora de líderes de uma das tribos que compõem Wakanda. Encontramos com a personagem durante a primeira missão de Pantera Negra. Ao que tudo indica uma missão de resgate. Diversos caminhões seguem por uma estrada. Eles estão fortemente vigiados por pessoas armadas. Nakia está em dentro de um dos caminhões junto à mulheres que foram raptadas¹¹. Ao perceber a movimentação com a chegada do Pantera Negra, Nakia entra a luta para proteger as pessoas do fogo cruzado e ajudar Pantera Negra. Após finalizar a missão, compreendemos que Nakia, estava em outra missão que foi interrompida por Pantera Negra. Ela estava infiltrada entre as

¹¹ A cena remete ao sequestro de 270 meninas pelo grupo terrorista Boko Haram em 2014, na Nigéria, de dentro da escola que estudavam (BBC, 2014).

mulheres sequestradas a fim de descobrir um grande sistema de tráfico de mulheres. Devido à isso, ela conseguiu impedir o ataque de Pantera Negra a uma das pessoas que estava armada, pois ela o conhecia e sabia que ele fazia parte do grupo sequestrado, mas que carregava uma arma a mando dos sequestradores. Como integrante das lideranças das tribos, Pantera Negra foi pessoalmente convocá-la para sua coroação, e também por que anteriormente eles tiveram envolvimento amoroso, como se descobre posteriormente na história do filme. Nakia é uma espiã de Wakanda e já foi namorada de T'Challa. Segundo a história do filme, eles terminaram o relacionamento pois ela tinha que seguir o seu “chamado” que era diferente de T'Challa. Para Nakia, Wakanda tinha recursos e tecnologia que poderiam ajudar os mais necessitados do mundo inteiro.

É perceptível durante o filme de que os dois personagens ainda se gostam muito mas não podem ficar devido aos pensamentos divergentes. Enquanto T'Challa acredita ser melhor proteger Wakanda do mundo exterior, Nakia acredita que Wakanda poderia transformar o mundo inteiro em um mundo melhor. Ao final do filme ele muda de ideia (não por causa dela) e os dois acabam juntos já que ela vai poder ajudar o mundo por Wakanda e não mais como espiã.

Nakia, veste diferentes roupas ao longo do filme. Seu cabelo também possui diversos penteados sempre mantendo suas características afro. Seu figurino, cabelo e maquiagem foram inspirados em tradições de diversos países africanos. Ela demonstra sua força e habilidades durante as batalhas que participa e destreza como espiã principalmente na cena da Coreia do Sul, onde fala naturalmente em coreano com uma senhora.

Apesar da personagem apresentar diversas habilidades como espiã e ser uma personagem forte dentro da narrativa e principalmente das cenas de ação, sua opinião pouco impacta nas decisões de T'Challa. A personagem ainda teve que se subjugar ao pedir auxílio a outra tribo para que pudessem retomar Wakanda após Killgrave tomar o trono. Ela oferece a flor que dá poder ao Pantera Negra ao chefe da tribo para que ele possa lutar contra Killgrave, quando ela mesma devido às suas habilidades poderia ter se tornado a Pantera Negra. A justificativa é a de que com o chefe tribal viria também o seu exército. Mas, no desenrolar da narrativa só confirmamos a dependência das mulheres em relação aos homens no filme devido à esta cena.

Shuri - Shuri é irmã de T'Challa, princesa de Wakanda e responsável pelo "vibranium" principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico do material. No primeiro desafio ao trono de T'Challa, o adversário o questiona por ter alguém "tão jovem" sendo responsável pelo "vibranium". Mas em nenhum um momento Shuri é questionada por ser uma mulher em tal posição. Seu papel, assim como o de Okoye, é pouco comum para mulheres negras. Os cientistas em filmes em sua grande maioria são representados por homens brancos com o estereótipo de "nerds". Porém, em *Pantera Negra* é dado grande destaque no filme para a inteligência, habilidades e coragem da personagem. Ela demonstra muita intimidade com T'Challa, e em vários momentos faz brincadeiras com o irmão, rendendo momentos cômicos no filme. Ela aprimorou o uniforme do *Pantera Negra* e criou diversos dispositivos utilizados nos embates. Tem grande participação em quase todos os momentos de batalhas do filme lutando de igual para igual com outros personagens, inclusive o vilão Killmonger, o qual ela quase consegue derrotar. É uma personagem com uma personalidade bem definida da qual percebemos seu grande conhecimento, bom humor e simpatia com demais personagens. Essas camadas da personagem Shuri são as que mais se destacam por apresentar uma personagem negra bem distante de representações estigmatizadas comuns no cinema de grandes bilheterias.

Por ser o protagonista, obviamente *Pantera Negra* aparece mais que as personagens mulheres no filme. Mas é possível perceber que não há distinção de enquadramentos ao mostrar homens e mulheres, principalmente nas cenas de luta. As mulheres têm tanto destaque quanto os homens, em enquadramentos que ressaltam sua força, determinação e habilidades. Na cena em que o *Pantera Negra* vai até a Coreia do Sul capturar o assassino de seu pai, sua equipe é formada por Nakia, Shuri e Okoye. Nenhum homem além de *Pantera* forma o time. Shuri dá o apoio à distância para a equipe, através de seus equipamentos *hi-tech*. Já Okoye e Nakia são fundamentais para que a missão seja cumprida e os quatro personagens são igualmente importantes para o desfecho da cena com a captura do vilão. Na batalha final, vemos as personagens lutando de igual para igual. Elas apesar de não possuírem a força mística do *Pantera Negra*, também possuem seus trajes ultra equipados. É quase como se o próprio personagem *Pantera Negra* que precisasse de seus superpoderes para lutar de igual com elas e com o vilão.

Em relação às interações, o romance entre T'Challa e Nakia não possui grande relevância para a trama e é tratado de forma secundária no filme. O relacionamento entre os dois personagens está focado mais na parceria para a ação, já que ambos possuem grandes habilidades para missões e combates.

No que diz respeito à tomada de decisões, a relação patriarcal vêm à tona. Apesar de Nakia, o amor de sua vida, afirmar que não estão juntos por possuírem ideias diferentes a respeito de Wakanda, T'Challa só muda de ideia após descobrir que seu pai havia mentido sobre seu tio, em nome de Wakanda e seu estilo de vida, o que acabou trazendo graves consequências para Wakanda com a vinda de Killgrave. A partir disso, ele resolve abrir Wakanda para o mundo oferecendo seu desenvolvimento para ajudar as pessoas. Quando ele procura Nakia no final do filme, T'Challa a beija e diz que tem uma maneira de deixá-la próxima a ele, já que agora ela vai poder cumprir o seu “chamado” dentro de Wakanda. As decisões mais importantes que T'Challa toma durante o filme, são baseadas nas palavras e ações de seu pai e seu amigo, chefe de uma das tribos e conselheiro real, por mais que tenha uma mulher o aconselhando a tomar outra atitude. Na cena inicial o personagem já demonstra tomar as decisões por si próprio quando interrompe a missão de Nakia sem o seu consentimento e ainda quase fere um de seus companheiros infiltrados. Nakia apesar de toda a força, habilidades e intenção de melhorar o mundo com a tecnologia de Wakanda, acata todas as decisões de T'Challa.

Outro ponto a destacar é a tomada do poder por Killgrave. No momento em que T'Challa é tido com morto, Nakia como uma forte guerreira e descendente de chefes tribais poderia ter o desafiado ali mesmo. Suas habilidades demonstradas durante todo o filme e as indiretas dadas por T'Challa, confirmam que ela só não assumiu o trono por que não quis. Ao invés de desafiar Killmonger, o que nem é cogitado no filme, ela, Shuri e Ramonda fogem até a tribo que perdeu o primeiro desafio, para pedir ajuda. As três personagens se ajoelham, em uma situação bem humilhante, em frente ao chefe tribal e lhe oferecem a flor que dá poderes ao Pantera Negra. Até o enquadramento neste momento, em plongée para as personagens, demonstra sua posição de submissão e impotência perante o chefe tribal. A desculpa dada por Nakia é de que ele tem um exército enquanto ela seria apenas uma só.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme é inovador na forma como as personagens negras são representadas, porém ainda é um filme com características patriarcais muito fortes. Os personagens homens tratam as mulheres como iguais, sem distinção por gênero, porém, mesmo mostrando ser possível uma das mulheres ter acesso ao trono, não vemos nenhuma delas tentando ou almejando, o que faz parecer algo apropriado apenas à homens. Outra questão bem marcante é a forma de conseguir a coroa: um desafio de vida ou morte, embate corpo a corpo, ainda muito associado à masculinidade e a virilidade do homem. Sabemos que certas características das personagens e da história está atrelado a história dos quadrinhos o que não abre possibilidade para muitas mudanças devido ao público de fãs que migram de uma mídia para outra e que compõe grande parte do público.

O filme também aproxima um público de mulheres negras a uma representação geralmente ligada a personagens masculinos com a personagem Shuri, devido à personagem ser muito inteligente a ponto de mesmo sendo bem jovem assumir como líder essa parte tecnológica de Wakanda, já que o "vibranium" é sua maior riqueza. Para além do filme, foram essas representações que fogem dos estereótipos padrões de personagens negros que mobilizaram um grande público para os cinemas.

Porém, as personagens continuam sendo dependentes de uma figura masculina. Quando o Pantera Negra é dado como vencido na batalha contra seu primo, elas vão pedir ajuda do chefe tribal que havia disputado o trono anteriormente e havia perdido. Elas preferem recorrer a um inimigo do que tomarem a força por si mesmas.

A maior conquista do filme Pantera Negra, para além das estatuetas do Oscar, foi o fortalecimento da representação do negro no cinema e o considerável aumento de empatia com personagens negros, homens e mulheres, por parte dos espectadores brancos. A empatia da qual hooks justificava como sendo uma das principais barreiras da entrada de filmes com personagens negros (fora dos estereótipos) no circuito comercial.

Segundo Stuart Hall (2016), quanto mais forem veiculadas representações positivas e normalizadas de grupos minoritários, maior será a sua penetração no imaginário social. Por isso a representação de mulheres negras de maneira positiva nesses filmes também consolida as demandas por espaços mais diversos no contexto de lutas por igualdade.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro – Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais**. RJ: Ed. PUC-Rio; Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.
- GELEDÉS. Instituto da Mulher Negra no Brasil. **TAG: Pantegra Negra**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tag/pantera-negra/page/3/>.
- GIDDENS, A. **Sociology**. 5. ed. London: Polity Press, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- hooks, bell. **Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black**. Tradução: Stephanie Borges. Cambridge: South End Press, 1989.
- MULVEY, Laura. Prazer Visual e Cinema Narrativo. In XAVIER, Ismail. (org.) **A Experiência do Cinema**. Col. Arte e Cultura, no 5. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- OCA, Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. **Diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016**. Janeiro 2018. Ancine, Rio de Janeiro. Disponível em https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_diversidade_2016.pdf. Acesso em 23 set 2019.
- O que aconteceu com as jovens sequestradas pelo Boko Haram?. **BBC Brasil**, São Paulo, 31 de dez de 2014. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141227_destino_jovens_bokoharam_rm. Acesso em 1º de dez de 2019.
- Os números do Oscar 2018: 5ª mulher e 5º negro indicados a melhor diretor, 21 vezes Meryl Streep e outras cifras. **G1**, Rio de Janeiro, 24 de jan. de 2018. <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/oscar/2018/noticia/os-numeros-do-oscar-2018-5-mulher-e-5-negro-indicados-a-melhor-diretor-21-vezes-meryl-streep-e-outras-cifras.ghtml>. Acesso em 23 de set. 2018.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- VANOYE, Francis.; Goliot-Lété, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 6ª ed. São Paulo: Papirus, 1994.